

### 13. COLHEITA

Camilo Placido Vieira<sup>1</sup>

Como o principal uso do algodão é na indústria têxtil, a qualidade da fibra é fator de fundamental importância e depende, em parte, dos cuidados durante a operação da colheita, merecendo esta toda atenção para que o produto colhido não se desvalorize.

Foram profundas as transformações ocorridas com a cultura do algodoeiro no País. Em pouco tempo passou de cultura familiar, com forte demanda de mão-de-obra, para uma produção em grandes áreas com vultosos investimentos de capital e alta tecnologia, principalmente nos cerrados da Região Centro-Oeste.

É evidente, também, a importância da adoção de princípios de qualidade em todas as fases do processo produtivo, evidenciando não só o produto mas também todas as operações agrícolas efetuadas. Sendo o algodão pago conforme o grau de qualidade, o qual reflete o estado de sanidade e limpeza, é compensatório o esforço de se colher bem para que a fibra seja atribuída uma boa classificação comercial, que resultará em bom valor de venda.

#### 13.1. Colheita manual

O sucesso de uma boa safra depende de vários fatores, dentre eles, uma colheita bem feita. Deve-se evitar o que popularmente é chamado de "rapa", ou seja, colher misturando o algodão baixeiro e de ponteiro, que resulta em produto de tipos inferiores com conseqüente redução do preço de comercialização.

Um apanhador colhe em média de três a seis arrobas por dia, o que limita a colheita manual a pequenas áreas com exploração quase familiar.

Apesar do baixo rendimento e outras limitações, como custo alto, quando bem realizada, a colheita manual, em anos normais, permite agregar ao tipo do algodão em caroço de 0,5 a 1,0 ponto.

---

<sup>1</sup> Eng. Agr., M.Sc., CREA nº 1389/D-MT, Visto 1141-MS, *Embrapa Agropecuária Oeste*, Caixa Postal 661, 79804-970 - Dourados, MS.  
E-mail: camilo@cpao.embrapa.br

Alguns cuidados devem ser observados:

- a) iniciar a colheita quando 60% dos capulhos estiverem abertos, realizando quantas forem viáveis;
- b) na medida do possível separar o algodão sujo de baixeiro dos limpos;
- c) evitar colher capulhos com carimãs, plantas daninhas, maçãs verdes e outros produtos estranhos;
- d) não utilizar sacaria e amarrios de plástico, para evitar contaminação por materiais estranhos;
- e) à medida que o algodão for sendo colhido é conveniente que seja entregue nas usinas de beneficiamento. Esta medida evita riscos com incêndio, fermentação e contaminação com penas de aves e pêlos de animais em tulhas;
- f) se o produto for armazenado antes da comercialização, o local deve estar seco, limpo e bem arejado; e
- g) orientar os colhedores sobre a importância de seu trabalho.

### 13.2. Colheita mecânica

O surgimento de novas cultivares através do melhoramento genético, os incentivos fiscais, o uso de alta tecnologia, as condições climáticas favoráveis e a exploração em áreas extensas, são alguns fatores que fizeram da Região Centro-Oeste um pólo do desenvolvimento do algodoeiro em grandes áreas.

Nestas condições torna-se imperativo a utilização da colheita mecânica, quer seja pelo alto rendimento, quer seja pelo menor custo, pois a mão-de-obra é cara e pouco disponível. Em lavouras bem conduzidas tecnicamente e com bom rendimento, uma colhedora poderá colher entre 2.000 a 3.000 arrobas/dia.

Para o sucesso desta operação são importantes as seguintes observações:

- a) declividade do terreno inferior a 8%;
- b) adequação do solo para um bom desempenho da colhedora, eliminando-se todo e qualquer obstáculo (p. ex. tocos, pedras, depressões, etc.);
- c) adoção de qualidade em todas as fases do processo produtivo, ajustando às exigências de colheita mecânica, cultivar, época de semeadura, população de plantas, espaçamento, correção e

fertilização do solo, controle de plantas invasoras, uso de reguladores de crescimento, maturadores e desfolhantes;

- d) na colheita mecânica deve-se ficar atento a teores elevados de umidade do produto colhido. O teor de umidade deve ser de 12%, sendo que para obtenção dessa condição a colheita deve ser realizada nas horas mais quentes do dia. Em caso de umidade elevada, não comprimir o produto no transporte em caminhões e gaiolas e proceder à secagem antes do descarçamento. Caso não seja tomada esta medida, haverá queda da qualidade do produto devido ao rompimento de fibras pelo separador;
- e) ter sistema de contenção de incêndio e mantê-lo em condições de uso;
- f) capacitação dos operadores de colhedora;
- g) uso, leitura e discussão do manual do operador da colhedora;
- h) certificar-se de que a colhedora esteja em perfeitas condições para ir ao campo, observando: entrega técnica, revisões e manutenção corretas junto ao revendedor ou empresa autorizada pelo fabricante;
- i) guardar a colhedora ao término da colheita, protegida de intempéries e seguindo os cuidados recomendados pelos fabricantes quanto à limpeza e manutenção; e
- j) na operação de colheita é importante ficar atento aos níveis de perda. Considerando aquelas de pré-colheita (causadas pelo clima), o algodão deixado pela colhedora na planta e as perdas de capulhos caídas ao solo, não devem ultrapassar 10%. A capacitação de operadores e o planejamento na implantação da cultura são fatores decisivos para a redução das perdas, que devem permanecer em torno de 6 a 8%, o que é aceitável.

### 13.3. Destruição dos restos da cultura

A destruição dos restos de cultura do algodoeiro no Brasil é prática antiga, muito discutida, mas obrigatória por lei federal e regulamentada por portarias estaduais.

O principal objetivo de tal prática é a eliminação de pragas e doenças, suprimindo o seu alimento e abrigo na entressafra.

Com o advento do Sistema Plantio Direto na cultura do algodoeiro recomenda-se, obedecendo os prazos regulamentares, a destruição

mecânica da soqueira, através do uso de roçadeira ou triturador, seguida da destruição química.

#### 13.4. Bibliografia consultada

- BELTRÃO, N.E. de M.; BEZERRA, J.R.C.; coord. **Recomendações técnicas para o cultivo do algodoeiro herbáceo de sequeiro e irrigado nas regiões Nordeste e Norte do Brasil**. Campina Grande: EMBRAPA-CNPA, 1993. 72p. (EMBRAPA-CNPA. Circular Técnica, 17).
- CARVALHO, P.P. **Manual do algodoeiro**. Lisboa: IICT, 1996. 282p.
- EMPAER-MT (Cuiabá, MT). **Diretrizes técnicas algodão: região cerrados**. Cuiabá, 1992. 48p. (EMPAER-MT. Diretrizes Técnicas-Algodão, 2).
- MOREIRA, J. de A.N.; SANTOS, R.F. dos. **Origens, crescimento e progressos na cotonicultura do Brasil**. Campina Grande: EMBRAPA-CNPA; Brasília: EMBRAPA-SPI, 1994. 169p.
- YAMAOKA, R.S.; PIRES, J.R. Práticas culturais. In: IAPAR (Londrina, PR). **Recomendações para a cultura do algodoeiro no Paraná**. Londrina, 1993. 68p. (IAPAR. Informe da Pesquisa, 107).